

promontoria

Revista de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve

Ano 12 - N.º 12
2015 - 2016

Editor

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade do Algarve
Campus de Gambelas, Faro
promontoria@ualg.pt

Comissão Editorial

António Paulo Oliveira
Maria João Valente
Renata Malcher de Araujo

Dossier Algarve Rural

Miguel Reimão Costa
Susana Calado Martins

Conselho Científico

Cláudio Torres (Campo Arqueológico de Mértola)
Cristiana Bastos (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)
Joaquim Romero Magalhães (Universidade de Coimbra)
Jorge Alarcão (Universidade de Coimbra)
José Eduardo Horta Correia (Universidade do Algarve)
Jean Pierre Molenat (Centre National de la Recherche Scientifique, França)
Lawrence G. Straus (University of New Mexico, Estados Unidos da América)
Maria Jesus Viguera (Universidad Complutense de Madrid, Espanha)
Michael Kunst (Deutsches Archäologisches Institut, Alemanha)
Pedro Dias (Universidade de Coimbra)
Zília Osório de Castro (Universidade Nova de Lisboa)

IMPRESSÃO

Gráfica Comercial – Loulé
geral@graficacomercial.com
www.grficacomercial.com

TIRAGEM

250 exemplares

ISSN 1645-8052

DEPÓSITO LEGAL N.º 199519/03

A Tecelagem Tradicional e a Produção de Fibras Têxteis no Algarve Rural

Selma Pereira

Centro de Investigação em Artes e Comunicação - Universidade do Algarve

Introdução

Os têxteis tradicionais algarvios não têm atualmente uma grande visibilidade. Porém, estas tradições têxteis provêm de tempos muito antigos e contêm características muito próprias que as distinguem das demais: o cultivo e a produção de fibras têxteis, a tecnologia empregue, as técnicas utilizadas, as formas de ornamentar as peças e as suas finalidades.

A tecelagem tradicional de linho, lã e trapos do Algarve continua a seguir os mesmos processos e técnicas com que se tecia há séculos no Al-Andaluz. Apesar disso é uma área ainda pouco discutida e investigada.

Em 1864 foram recenseados 83 teares, em atividade, na Serra de Monchique. Atualmente só resta uma tecedeira ativa no concelho: D. Maria Nunes, nascida em 1934, que continua a trabalhar o linho seguindo os trâmites tradicionais do ciclo do linho, desde a plantação à venda de peças em feiras da região.

No Alentejo e no Algarve, a tecelagem, quer se tratasse de lã, linho ou trapos, foi maioritariamente um trabalho complementar às atividades agrícolas. A tecelagem do linho e dos trapos destinava-se primordialmente a servir as necessidades do lar, das povoações rurais e das classes mais desfavorecidas da região.

Este artigo centra-se nas características que identificam e singularizam a tecelagem tradicional algarvia em todo o seu processo produtivo, desde da produção das fibras têxteis. Temos como estudo de caso a tecedeira D. Maria Nunes, a única tecedeira, ativa do concelho de Monchique e dos seus trabalhos de tecelagem em linho e trapos.

A Tecelagem na História do Algarve

Entendemos a tecelagem tradicional como uma atividade com tradições seculares, realizada com matérias-primas cultivadas ou adquiridas na região, utilizando instrumentos e tecnologias artesanais característicos de cada concelho ou distrito, fabricados, total ou parcialmente, na região, e que podem ser adquiridos em peças soltas ou tratar-se de acessórios complementares. Excluimos da tecelagem tradicional o uso de tecnologias que não sejam as tradicionais, como por exemplo, rodas de fiar mecânicas ou teares horizontais pré-fabricados em série.

O tear é um instrumento fundamental para a tecelagem, é a tecnologia que permite transformar as fibras têxteis em tecidos. O tear consiste num aparelho complexo que produz tecidos a partir do cruzamento de fios de duas espécies: fios da urdidura (fios longitudinais) e fios da trama (fios transversais).

Embora mantenha sempre a mesma função, a forma do tear varia consoante as regiões. Em Portugal existem três tipos de teares tradicionais com finalidades e processos de tecelagem distintos: o tear de pedal, o tear vertical e o tear de grade.¹

Os teares tradicionais portugueses mais comuns são teares de pedal em madeira robusta, com uma estrutura em forma quadrangular. As variações regionais dão-se no plano formal, isto é nos elementos de suspensão dos liços e no pente. No Algarve encontram-se teares tradicionais verticais e horizontais, os teares verticais são raros e utilizados apenas para o fabrico de cilhas e atafais de cavaladuras.²

Deparamo-nos com falta de fontes diretamente relacionadas com as atividades de fiação e tecelagem no Algarve durante algumas épocas. A tecelagem tradicional sempre fora, maioritariamente, uma atividade caseira e doméstica, realizada sobretudo por mulheres, daí a falta de documentação escrita referente a esta atividade, como por exemplo, contratos de aprendizagem, registos de encomendas e pagamentos.

A tecelagem de Mértola é uma tecelagem regional mais estudada e apresenta várias semelhanças com a tecelagem praticada na Serra de Monchique. Carlos Pedro, na sua tese *Tecelagem Tradicional de Mértola (s.d)* registou o processo e as tecnologias empregues na obtenção e tecelagem de lã.³ Ângela Luzia, Isabel Magalhães e Cláudio Torres (1984) investigaram as características e particularidades das tecelagens do concelho de Mértola, questionando-se sobre os antepassados desta atividade, onde Cláudio Torres reconhece fortes influências islâmicas relativamente aos processos produtivos e padrões envolvidos.⁴

Fernanda Matos (1988) analisa minuciosamente os dados existentes sobre a indústria têxtil e respetivo património industrial louletano, e trata-se dos estudos mais completos sobre a indústria têxtil no Algarve.⁵

¹ IPM- Instituto Português de Museus (2007), *Normas de Inventário. Tecnologia Têxtil. Etnologia*, 1ª Edição, Lisboa

² OLIVEIRA, Ernesto Veiga de Oliveira; PEREIRA, Benjamim, GALHANO, Fernando (1978: 1ª Edição). *Tecnologia Tradicional Portuguesa. O Linho*, vol. 1, 2ª Edição:1991, Coleção Etnologia. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia.

³ PEDRO, Carlos (s.d). *Tecelagem Tradicional de Mértola: a lã*, [texto policopiado]. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

⁴ LUZIA, Ângela, MAGALHÃES, Isabel, TORRES, Cláudio (1984). *Mantas tradicionais do Baixo Alentejo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, Câmara Municipal de Mértola.

⁵ MATOS, Fernanda (1988). *Indústrias Tradicionais do Concelho de Loulé. Tecelagem*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.

As Fibras Têxteis no Algarve Rural

Algodão

Atualmente o algodão é a fibra têxtil mais utilizada nos teares. A seu favor, o algodão têm o preço, a resistência, a tensão e a falta de elasticidade.⁶

Pensa-se que o algodão seja originário do Sudão Ocidental, tendo sido mais tarde transmitido para a Índia, país onde foram desenvolvidas diversas variedades algodoeiras e onde o algodão se tornou a fibra têxtil por excelência.⁷ Existem referências ao algodão feitas por autores antigos: Heródoto mencionou o seu cultivo na Índia, Teofrasto considerou o algodão como sendo originário do Turquestão e Plínio descreveu o algodão no Alto Egito.⁸

A atividade mercantil e manufatureira muçulmana tornou o algodão conhecido no território português, marcando presença em tecidos mencionados no foral do Porto, de 1123.⁹

Os portugueses aperceberam-se da importância desta fibra desde os primórdios da colonização africana. No século XVI Portugal importava quantidades maciças de algodão do Brasil, que reexportava para a Europa, especialmente para França. D. João III efetuou um pedido para receber, da Alemanha, fiadeiras e tecelões que ensinassem os portugueses a utilizar a roda de fiar e tecer algodão.

O contributo dos escravos africanos no desenvolvimento da produção do algodão no Brasil da época colonial parece ter sido fundamental. Os tecidos produzidos por estes escravos eram chamados *panos da costa* (da Guiné) e eram, na sua maioria, utilizados pelos forros. Também na América, foram os escravos africanos que facilitaram a instauração da cultura algodoeira nos moldes industriais.¹⁰

Nos finais do século XVII houve um grande desenvolvimento da indústria da tecelagem de algodão em Portugal, sobretudo em distritos próximos ao mar ou à costa, como Lisboa, Tomar, Azeitão e Sobral de Mont'Agração, e devido à instalação das primeiras máquinas inglesas em Portalegre.¹¹

O algodão tornou-se a fibra primordial da industrialização. Era a matéria-prima têxtil mais barata e de mais fácil manipulação, reflexo das explorações dos recursos das áreas coloniais e dos transportes maciços, de uma grande economia capitalista “um sistema produtivo de carácter industrial e mecânico [que] trabalha

⁶ BRAHIC, Marylène, *A Tecelagem*, (1998). Tradução Iolanda Saló. Lisboa: Editorial Estampa.

⁷ GONZÁLEZ-HONTORIA, Guadalupe, TIEMBLO, M^a Pia Timon (1983). *Telares Manuales en España*, Artes del Tiempo y del Espacio. Madrid: Editora Nacional.

⁸ TENREIRO, Francisco (1999). “Algodão”, *Dicionário da História de Portugal*, vol. 1. Porto: Livraria Figueirinhas.

⁹ PEREIRA, Benjamim (1985). *Têxteis. Tecnologia e simbolismo*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia.

¹⁰ Idem.

¹¹ MACEDO, Jorge Borges de (1985). “Indústria – na Época Moderna”, in SERRÃO, Joel (coord.), *Dicionário da História de Portugal*, vol.3. Porto: Livraria Figueirinhas.

para o mercado mundial, impessoal e desconhecido”.¹² É preciso também ter em conta que no século XVIII, a indústria têxtil nacional se encontrava ainda dentro de uma estrutura rural que visava o aproveitamento de matérias-primas locais e se destinava a um mercado nacional.¹³

No século XIX, a mecanização da indústria têxtil e o consumo de algodão como fibra têxtil primordial foram causadores da decadência da produção do linho e de fios e tecelagens caseiras.

No Algarve, pensa-se que o cultivo surgiu ainda durante a época do Al-Andaluz, e que se deve ter mantido nesta região durante muitos séculos.¹⁴ Em 1855, o algodão constava na lista de produtos portugueses participantes na Exposição Universal de Paris, com o nº 406, intitulado o *algodão do algarve*. No início do século XX, ainda existem referências à cultura do algodão como um “vegetal exótico na zona do barrocal louletano”.¹⁵

Lã

No sul de Portugal, a tecelagem de lã ainda subsiste em Mértola e em Cachopo, embora em menor quantidade neste último local.

No século XII os panos de lã já se produziam por todo o território, como demonstram os testemunhos arqueológicos. Em Portugal, até ao século XIV, eram fabricados os buréis, panos de lã grosseiros, muito utilizados pela população menos endinheirada, enquanto “a classe senhorial e as camadas de tipo burguês se socorriam dos melhores panos produzidos no estrangeiro”.¹⁶

A partir do século XVI, começaram-se a destacar, no território nacional, os principais centros produtores de lã: as Beiras e o Alentejo, de onde se destacava a Covilhã pela qualidade dos seus lanifícios. No entanto, conhece-se também referência a pisões no Algarve, desde o reinado de D. Afonso III.¹⁷ Existem referências, desde tempos muito recuados, ao uso da lã em regiões da Península Ibérica, que hoje correspondem ao Algarve, Baixo Alentejo e Alcácer do Sal.¹⁸

¹² OLIVEIRA, Ernesto Veiga de Oliveira; PEREIRA, Benjamim, GALHANO, Fernando (1978: 1ª Edição). *Tecnologia Tradicional Portuguesa. O Linho*, vol. 1, 2ª Edição:1991, Coleção Etnologia. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia.

¹³ MACEDO, Jorge Borges de (1985). “Indústria – na Época Moderna”, in SERRÃO, Joel (coord.), *Dicionário da História de Portugal*, vol.3. Porto: Livraria Figueirinhas.

¹⁴ TENREIRO, Francisco (1999). “Algodão”, *Dicionário da História de Portugal*, vol. 1. Porto: Livraria Figueirinhas.

¹⁵ MATOS, Fernanda (1988). *Indústrias Tradicionais do Concelho de Loulé. Tecelagem*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.

¹⁶ CASTRO, Armando (1985A). “Lanifícios”, in SERRÃO, Joel (coord.), *Dicionário da História de Portugal*, vol. 3. Porto: Livraria Figueirinhas.

¹⁷ Idem.

¹⁸ PEREIRA, Benjamim (1985). *Têxteis. Tecnologia e simbolismo*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia.

Encontram-se referências ao soriano fabricado no Algarve logo durante o século XVI. O soriano era o tecido de lã mais barato destinado aos mais pobres. Note-se que “uma capa de soriano, em Faro, comprava-se em 1716 por 120 rs, metade do preço de uma saragoça, que também não era de grande qualidade”.¹⁹

Durante o reinado de D. Pedro II deu-se mais atenção aos lanifícios através de medidas para fomentar a produção nacional do Conde da Ericeira, que “importou” técnicos estrangeiros com o objetivo de melhorar a qualidade dos tecidos nacionais, criando regras e proibições para a produção de lanifícios. O Tratado de Methuen de 1703 abriu o país aos tecidos britânicos. “Nos começos do século XVIII, os Ingleses vinham comprar a matéria-prima ao Alentejo para a utilizarem na sua indústria”.²⁰ Portugal não teve uma estrutura económica para desenvolver a indústria nacional, a produção de lanifícios não teve capacidade técnica para satisfazer a procura interna, nem para concorrer com os preços dos tecidos estrangeiros.²¹

Em 1841, na Serra de Monchique existia gado lanífero suficiente para o consumo local, no entanto para as atividades da tecelagem e pisoamento “consomem a lã do termo e vizinhanças, importando la mais de 600 arrobas do campo de Ourique, que lhe dá consumo depois de reduzida obra, e se vende em todas as feiras e arredores”.²² Já em 1841, Silva Lopes refere a necessidade de investimento que existe na tecelagem do concelho, que tantas condições dispõe para a criação de uma fábrica de lanifícios:

“neste sítio abundante de boas águas e lenha se propuzesse estabelecer huma fabrica de lanificioos: aproveitaria as lãs desta parte do Algarve e Alem-Tejo Baixo, quês lhes daria prompto consumo fabricadas. Não muitos cabedais serão necessários para esta empresa, que avantajados lucros daria em retribuição a quem tentasse, ainda que formando associação. [...] Alli perto, nos sítios da Nave, Alcaria e Buraco há excelente greda, huma esbranquiçada, outra azulada, próprias para as fabricas de lanificioos”.²³

Fradesso da Silveira, no inquérito que realizou sobre as fábricas de lanifícios portugueses existentes em 1862, assinalou a existência da tecelagem tradicional em todos os nossos distritos, salientando também o facto de existirem muitas fábricas onde se continuava a usar “processos manuais arcaizantes”.²⁴ No

¹⁹ MAGALHÃES, Joaquim Romero (1988). *O Algarve económico 1600-1773*. Lisboa: Editorial Estampa.

²⁰ CASTRO, Armando (1985A). “Lanifícios”, in SERRÃO, Joel (coord.), *Dicionário da História de Portugal*, vol. 3. Porto: Livraria Figueirinhas.

²¹ Idem.

²² LOPES, João Baptista Silva (1841: Edição Original). *Corografia ou memória económica, estatística e topográfica do reino do Algarve*, 2 volumes, II, Coleção temas e estudos algarvios, (versão fac-similada: 1988). Faro: Algarve em foco editora, p.250-251.

²³ Idem, p. 251

²⁴ SILVEIRA, Fradesso da (1964). *As fábricas em Portugal – Indagações relativas aos tecidos de lã*, citado em Matos (1988)

mesmo estudo, Fradesso da Silveira refere-se a uma muito baixa produção de lã na região do Algarve, quando comparada com as produções do Alentejo ou com as da Beira. No ano de 1862 foram recenseados 364 teares no Algarve, e a grande concentração de teares encontrava-se na Serra Algarvia, principalmente em Monchique (83 teares) e Castro Marim (79 teares), possivelmente, por ser nesses concelhos que existia a matéria-prima. O mesmo autor refere que esses teares não teciam apenas lã e não trabalhavam continuamente. A tecelagem era uma atividade secundária, praticada apenas nos intervalos das culturas dos campos, com uma produção artesanal em todas as fases: tosquia, cardação, fiação e tecelagem. A produção no distrito era de “cobertores, mantas, alforjes e boreis ordinários, de diversas larguras e preços, sendo alguns pisados e tintos”.²⁵

Em 1883, chegou a estar em funcionamento, em Monchique, uma fábrica de fiação de lã e apisoamento, com uma máquina a vapor e treze operários: “Esta fábrica fiava a lã, mas os tecidos são feitos por empreita em teares caseiros, cujo número no concelho se eleva a 90, produzindo, durante o ano, 4.350 metros”.²⁶ Sobre as peças produzidas na fábrica pouco se sabe, no entanto em 1875 existiam muitos almocreves no concelho de Monchique que exportavam teias de linho, saragoças, sorianos, estamenhas e cobertores, fabricados na região.²⁷

Linho

Pensa-se que o linho tenha sido utilizado para produzir fibra têxtil primeiramente na Ásia e no Norte de África durante o Neolítico. Do ponto de vista de Carmen Alfaro Giner, ao analisar as fontes arqueológicas, o linho é a fibra têxtil mais abundante entre os vestígios de tecidos antigos.²⁸

O sul sempre foi uma área privilegiada de trocas de bens, e é provável que nesta região a prática da tecelagem tenha sido anterior à da região norte do país, no entanto nos inícios do III milénio a.C, a atividade da tecelagem já é generalizada por toda a faixa ocidental da Península Ibérica.

Ernesto Veiga de Oliveira (1978) data o início do cultivo do linho nas Caldas de Monchique na primeira fase do Bronze Mediterrâneo Peninsular, comprovado por um pequeno farrapo de linho envolto num machado de cobre, datado de 2000 a. C. Do mesmo modo, a prática da fiação é referenciada em estações castrejas, onde foram encontrados *verticilli* e *pondera*.²⁹

²⁵ Idem.

²⁶ GASCON, José António Guerreiro (1955: 1ª edição). *Subsídios para a monografia de Monchique*, 2ª Edição (facsimilada) 1993. Faro: Algarve em foco editora.

²⁷ Idem.

²⁸ ALFARO GINER, Carmen (1997). *El tejido en época romana*, Madrid: Arco/libros S. L.

²⁹ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de Oliveira; PEREIRA, Benjamim, GALHANO, Fernando (1978: 1ª Edição). *Tecnologia Tradicional Portuguesa. O Linho*, vol. 1, 2ª Edição:1991, Coleção Etnologia. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia.

Os estudos de Alfaro Giner descrevem que, durante a ocupação romana, o cultivo do linho e as suas utilizações ganharam importância económica, tal como acontecera com outras atividades agrícolas. Nesta época, a produção têxtil era já uma ocupação para muitos homens e mulheres que produziam e comercializavam tanto as fibras têxteis como os tecidos.³⁰

Alberto Sampaio realça que a terminologia utilizada na produção do linho (“*bragal e braga, estopa, tomentos e estriga, maçar, espadela, espadelar e espadar, maúnca ou mainça, peso, etc.*”) deriva do latim.³¹ Carmen Alfaro Giner, em *El tejido en época romana*, descreve o processo da apanha do linho com características idênticas ao descrito atualmente por D. Maria Nunes (tecedeira de Monchique): “El arrancado se hizo siempre manualmente, estirando con las manos, seguramente tras un riego para ablandar la tierra y evitar que la planta se rompiera. Aparte de la obtención de hilaza se hacía acopio de semillas”.³²

O próprio fuso típico das regiões do Algarve e do Alentejo apresenta uma forma definida já no período romano, se os compararmos com os fusos expostos no Museu Municipal de Lagos Dr. José Formosinho, identificados como pertencentes à época romana e visigótica.³³

O linho pertence à família das Lináceas, conhecido entre os botânicos como *Linum Usitatissimum L.*. É uma planta herbácea, com uma altura entre os 0,30m a 1,10m, “dicotiledónea, geralmente unicaule, de folhas inteiras, alternas, sesseis, e sem estípulas. As flores são hermafroditas, brancas, azuis, violáceas, e com cinco pétalas”.³⁴ De um modo geral, o linho é composto, no interior, por uma substância filamentosa ou fibrosa, de onde se extrai a fibra têxtil.

Até há uns anos atrás o ciclo do linho fazia-se de Norte a Sul de Portugal. Atualmente este processo está a cair em desuso, as plantações perderam-se, os seus intervenientes envelheceram e abandonaram atividades ou procuraram outra profissão mais lucrativa.

Os linhos indígenas portugueses têm três variedades: galego, mourisco e de riga nacional. Estas variedades podem ser de cultura de Primavera/Verão ou de Outono/Inverno.

O linho mourisco é a variedade cultivada nos climas mais quentes. Encontramos esta variedade a sul do Tejo e nos distritos de Bragança, Santarém e Castelo Branco. Esta espécie possui uma fibra comprida, escura e grosseira. No sul do país encontramos as sub-variedades do linho mourisco: abertiço e serrano. Tanto

³⁰ ALFARO GINER, Carmen (1997). *El tejido en época romana*, Madrid: Arco/libros S. L.

³¹ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de Oliveira; PEREIRA, Benjamim, GALHANO, Fernando (1978: 1ª Edição). *Tecnologia Tradicional Portuguesa. O Linho*, vol. 1, 2ª Edição:1991, Coleção Etnologia. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia.

³² ALFARO GINER, Carmen (1997). *El tejido en época romana*, Madrid: Arco/libros S. L.

³³ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de Oliveira; PEREIRA, Benjamim, GALHANO, Fernando (1978: 1ª Edição). *Tecnologia Tradicional Portuguesa. O Linho*, vol. 1, 2ª Edição:1991, Coleção Etnologia. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia.

³⁴ Idem.

o linho mourisco como as suas sub-variantes são culturas de Outono, semeadas após as primeiras chuvas, nos meses de Outubro e Novembro, e colhidas em Maio. Adaptam-se a terrenos argilosos, compactos ou pobres, e não têm propriedades que se adaptem à produção de fibras com fins industriais.³⁵

No Alentejo e no Algarve, o linho é cultivado em terrenos agrícolas e frescos, que já se encontram razoavelmente estrumados de anteriores culturas. Em Outubro e Novembro é feita a sementeira e a semente é lançada à terra. Esta variedade é a menos exigente e dispensa a rega. Em Maio, o linho é colhido, manualmente, desenterrando-o pela raiz. Ainda em Maio e Junho, o linho é sujeito à curtimenta ou alagamento. Tradicionalmente, nos meses de Agosto a Outubro o linho é transformado em fibra, através da maçagem, gramagem e assedagem. A fibra é transformada em fio através da fição manual. Em Março, a fibra é ensarilhada, branqueada e dobada. Entre Março e Abril, o linho é preparado para a trama e ainda em Abril é tecido. Entre Abril e Maio o tecido é branqueado.

Trapos

As mantas de trapos são um produto de menor valor social, mais esquecido e ignorado pelos investigadores portugueses. A bibliografia sobre a produção destas mantas em Portugal é escassa. Como é um material também utilizado em Espanha, recorreremos muito à bibliografia existente no país vizinho.

Desconhecemos a data em que se começou a utilizar os trapos para tecer novos tecidos. Sabemos que no século XVI os tecidos velhos eram já aproveitados para tecer as mantas da Catalunha.³⁶ Estas mantas, surgiram no século XVI, como resposta aos problemas económicos e de isolamento que dificultavam o acesso dos camponeses às matérias-primas. Quando uma peça estava velha ou perdia a sua utilidade era aproveitada em tecelagens com trama de algodão. O resultado é um tecido grosso, pesado e irregular.

A tecelagem de trapos mantém-se ainda em algumas zonas da Península Ibérica, maioritariamente em tapetes e mantas. Na Suíça existe também a tecelagem de trapos, mas apenas para tapetes de escadas.³⁷

No concelho de Monchique, as mantas de trapos são também designadas, localmente, por mantas de retalhos ou "*ratalhêras*", e destinavam-se aos homens que dormiam nas eiras ou no palheiro, ou aos mais pobres que não possuíam ovelhas, nem linho.³⁸

³⁵ Idem.

³⁶ BRAHIC, Marylène, *A Tecelagem*, (1998). Tradução Iolanda Saló. Lisboa: Editorial Estampa.

³⁷ Idem.

³⁸ MARREIROS, Glória Maria (1999). *Um Algarve Outro. Contado de boca em boca.*, (1ª edição: 1991), 2ª edição. Lisboa: Livros Horizonte.

Os trapos eram feitos de peças de vestuário envelhecidas ou de lençóis rotos, cortados às tiras e preparadas pelo próprio cliente e só depois levadas à tecedeira.³⁹

Reaproveitar era uma atividade necessária numa sociedade de autossustentação, como no concelho de Monchique.

“As mulheres, noutra tempo, remendavam muito a roupa, para ela durar. Mesmo os mais ricos poupavam porque tinham que esperar pela venda da cortiça ou da aguardente para terem mais possibilidades, (...) tudo se aproveitava. Até os trapinhos que sobravam de alguma peça de roupa que se talhavam serviam, os maiorzinhos para fazer bolsas e os mais pequeninos, mais pequenos que um dedo ainda davam para tapetes e vistosos!”⁴⁰

A influência do Baixo Alentejo e as “tentativas” de industrialização

A indústria têxtil algarvia no século XX

Nos finais do século XIX e inícios do século XX a maioria dos operários do setor secundário trabalhavam por conta própria, em pequenas oficinas e casas de trabalho, dispersas por todo o território algarvio respondendo às necessidades dos centros populacionais onde viviam. Encontrava-se ainda muito o fabrico domiciliário, principalmente de trabalhos de fição e tecelagem doméstica, redes de pesca para galeões espanhóis, assim como obras de palma e juta.⁴¹ A fição de tecelagem de linho em Loulé, de lã em Monchique, de algodão em Vila Real de Santo António e de juta em Portimão apresentavam dimensões superiores, com mais de seis trabalhadores, produzindo um mercado mais amplo e aproximando-se do conceito de proto-indústria.⁴²

A mão-de-obra feminina esteve presente e por vezes em maioria na fição e tecelagem de lã, linho, algodão e juta, assim como na alfaiataria, na padaria e nos fumeiros de figo. Curiosamente encontram-se mais mulheres letradas na classe dos artesãos, no fabrico de redes de pesca, alfaiataria, confeção, cordoiros e correiros. Este facto poderá estar relacionado à continuidade da tradição secular de aprendizagem autodidata dos artesãos.⁴³

O Inquérito de 1940 [19] revela a existência de 137 teares no Algarve, e o cultivo do linho em 15 concelhos, ocupando um total de 20,8 hectares. As respostas ao inquérito revelam que o linho era produzido no concelho apenas para consumo

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem, p. 62.

⁴¹ TENGARRINHA, José (1999). “Os trabalhadores industriais do Algarve nos séc. XIX-XX”, in MARQUES, Maria da Graça Maia, *O Algarve. Da antiguidade aos nossos dias*. Lisboa: Edições Colibri, pp.465-468.

⁴² Idem.

⁴³ Idem.

dos produtores. Se compararmos estes valores com os resultados do restante país, verificamos que a área cultivada de linho no distrito de Faro está em 11º lugar dos 18 distritos analisados, e em 12º em relação ao número de teares recenseados. No total, Portugal Continental apresentou 1668,92 hectares cultivados de linho, e 10874 teares registados.

Curiosamente o inquérito citado não mostra existência do cultivo do linho, nem a existência de teares em Monchique, assinalando apenas o cultivo desta fibra nos concelhos de Alcoutim, Alportel, Castro Marim, Loulé e Tavira. Contudo conhecemos a existência da produção e tecelagem do linho no concelho de Monchique, testemunhado pela tecedeira D. Maria Nunes que assistiu e ajudou a sua mãe, também tecedeira, a tecer muito linho para o Baixo Alentejo. Também Glória Marreiros registou a tecelagem de linho para as fábricas do concelho assim como para o consumo local.⁴⁴

A influência do Baixo Alentejo

O Baixo Alentejo e a Serra Algarvia partilham uma base cultural e civilizacional comum, muito evidente nas atividades relacionadas com o ciclo do linho. As tecedeiras da Serra Algarvia recebiam encomendas para fazerem tecidos de linho e lã para o Baixo Alentejo. Era também no Baixo Alentejo que participavam em fiadas e era lá que trocavam os produtos. Esta partilha tem origens centenárias. As terras áspers da Serra mantiveram as populações autóctones longe dos colonos e povoadores, romanos, islâmicos e feudais, resistindo à evolução constante do Algarve, mantendo assim os seus costumes e tradições.⁴⁵

Na segunda metade do século XIX, a maior parte da indústria têxtil do Algarve e do Alentejo encontrava-se reduzida a trabalhos domésticos ou a pequenos estabelecimentos fabris onde só trabalhavam os próprios donos. O Inquérito de 1881 adverte para o facto de, nos distritos de Portalegre, Évora, Beja e Faro, existirem sobretudo indústrias caseiras, com grande importância no seu conjunto, disseminadas pelas povoações, onde cada casa era uma oficina.⁴⁶ Os rendimentos dos operários eram muito baixos contribuindo para a pobreza do próprio meio.

Em 1864, a grande concentração algarvia de teares encontrava-se na Serra. Os maiores centros produtores eram Monchique, com 83 teares e Castro Marim com 79 teares. Estes teares não teciam apenas lã e não trabalhavam continuamente. No mesmo ano, Fradesso da Silveira refere 292 teares em Almodôvar, 81 teares em Mértola e 71 em Odemira, que produziam panos, mantas, alforques que se vendiam pelas feiras regionais. Em 1880, nos concelhos de Mértola

⁴⁴ MARREIROS, Glória Maria (1999). *Um Algarve Outro. Contado de boca em boca.*, (1ª edição: 1991), 2ª edição. Lisboa: Livros Horizonte.

⁴⁵ TORRES, Cláudio (1992). "Povoamento antigo do Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica", *Arqueologia medieval [em linha]*, 1, Campo Arqueológico de Mértola. Porto: Edições Afrontamento.

⁴⁶ MATOS, Fernanda (1988). *Indústrias Tradicionais do Concelho de Loulé. Tecelagem*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.

e Almodôvar encontravam-se 724 casas de trabalho e oficinas de tecelagem. Estes números colocam o Alentejo a um nível próximo das Beiras.⁴⁷

No entanto incapaz de competir com a indústria têxtil fabril, a indústria de tecelagem alentejana, entrou em decadência nas primeiras décadas do século XIX. Fradesso da Silveira, nos finais da década de 1860, considerava que o responsável pelo estado de decadência foi o Tratado Comercial de 1810 com a Inglaterra, não considerando a hipótese da decadência ser apenas uma consequência do Tratado de Methuen.⁴⁸

Durante a primeira metade do século XIX, a mecanização conduziu ao desaparecimento do *putting out system*, e conseqüentemente os centros de produção que estavam na sua direta dependência gradualmente acabaram por desaparecer. Aljustrel fora no século XVIII um centro de produção de linho, contudo a cultura do linho não despertara muito interesse aos lavradores nem aos investidores. No início de oitocentos faltava praticamente tudo na produção do linho no Alentejo: matérias-primas, capitais, falta de escolarização e de formação.

A tecelagem da lã, do linho da estopa e dos trapos sobreviveram nas zonas mais pobres mantendo as suas formas de produção pré-capitalistas. A fiação e tecelagem eram feitas por mulheres nas suas próprias casas, nos tempos livres da atividade agrícola, rendendo apenas o equivalente a um salário muito baixo. As mantas de retalhos e os tecidos de lã, linho e algodão, muito populares entre as classes desfavorecidas eram encomendadas por moradores locais ou mercadores. O preço final resultava assim do cálculo dos fracos rendimentos, com a matéria-prima e os baixos investimentos.

A evolução da profissão de tecedeira

Desde o Antigo Regime que a tecelagem doméstica compete com a industrial. A tecelagem rural, de natureza sazonal e complementar, está dependente dos ritmos de trabalho nos meios rurais.

Até 1870, as unidades artesanais de tecelagem, com a exceção dos lanifícios, não desenvolveram formas de organização, nem de ação coletiva, para além do mutualismo cooperativo.⁴⁹ A indústria caseira e domiciliária da tecelagem manteve-se afastada dos parâmetros institucionais, preocupando as autoridades e os industriais até cerca de 1970. Durante essa época foram criadas quatro associações a representar o sector do algodão do norte, dos tecidos de lã, dos tecidos mistos e das passamanias.⁵⁰ É de notar que a tecelagem do linho,

⁴⁷ SILVEIRA, Fradesso da (1964). *As fábricas em Portugal – Indagações relativas aos tecidos de lã*, citado em Matos (1988)

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ MADUREIRA, Nuno Luís (coord.) (2001). *História do trabalho e das ocupações*, Vol. I A indústria têxtil (3 vol.), Oeiras: Celta Editora.

⁵⁰ Idem.

marcadamente mais doméstica, não teve uma associação que a representasse nas greves que se viviam.

Porém, as tecedeiras resistiram ao passar dos tempos e continuaram a produzir e a vender nas feiras. O processo e a organização de tarefas da tecelagem não sofreu transformações repentinas e não variou muito, quer se tratasse de linho, lã, trapos ou algodão. As tecedeiras tradicionais continuaram, ao longo dos tempos, a tecer no mesmo tear, lã, linho ou trapos: este aspeto facilitou a criação de tecidos mistos (de lã e linho ou de linho e algodão), mas também a fácil inserção de fibras sintéticas e industriais.⁵¹

Contrastando com o aperfeiçoamento técnico das tecedeiras/tecelões industriais, as tecedeiras das indústrias domésticas recorreram muito ao simples ponto de tafetá, para os panos de linho ou de trapos, muito simples, repetitivo e rápido, adequado às tecedeiras que aproveitavam os tempos mortos das lides domésticas ou dos trabalhos nos campos, pois permitia que retomassem automaticamente o trabalho depois de cada repetição. É de salientar que a tecelagem de lanifícios em indústrias domiciliárias atingiu uma maior complexidade, exigindo uma maior concentração e experiência das tecedeiras.

O ensino da tecelagem é testemunhado desde o século XVI, com o Regimento dos Tecelões de 1559 onde eram apresentados critérios de exame que abrangiam “saber assentar um tear nivelado, saber enliçar e apertar um pente, saber urdir uma teia, saber a conta dos fiados e saber tecer toda a sote de panos”.⁵² No Regimento dos tecelões de 1782 foi determinado quatro anos de aprendizagem para os tecelões e apenas três anos para as tecedeiras, no qual dois anos eram de trabalho efetivo obrigatório, e exame para mestre de ofício.⁵³

O sul de Portugal manteve-se afastado dos pólos de transformação têxtil, mas também em Campo de Ourique existiram duas mestres tecedeiras, no século XVIII, que além da função de ensinar as jovens tecedeiras, eram detentoras da autorização necessária para outras tecedeiras exercerem a atividade.⁵⁴ Nas povoações rurais mais afastadas a aprendizagem continuava a dar-se dentro do seio familiar, ensinando nos tempos livres e praticando principalmente enquanto jovens, antes de se casarem e se ocuparem do lar.

⁵¹ Idem.

⁵² Idem.

⁵³ Idem.

⁵⁴ SÁ, João Evangelista Franco da Ascensão e (1863). *Memória sobre a Indústria do linho e algodão no districto administrativo de Beja em 1863*, Bibliotheca das Fábricas. Lisboa.: Associação Promotora da Indústria Fabril, Imprensa Nacional, [Versão Eletrónica]

Estudo de caso: D. Maria Nunes – a última tecedeira de Monchique⁵⁵*D. Maria Nunes: Notas biográficas*

D. Maria Nunes nasceu em 1934 no concelho de Monchique. Filha de tecedeira talentosa, cedo começou a aprender as artes da fiação. Ainda muito jovem, D. Maria gostava de ver a mãe tecer, começou a entrar no tear por brincadeira e aperfeiçoar a ourela dos seus tecidos. A mãe da D. Maria adoeceu quando tinha uma encomenda para o Alentejo por terminar. Na altura, D. Maria tinha 14 anos, com pouca prática ainda, aventurou-se no tear e seguindo os ensinamentos da mãe acabou o trabalho, e depois continuou a sua aprendizagem em tecelagem.

Em 1948, segundo nos conta D. Maria, existiam em Monchique muitas tecedeiras, pois era uma zona pobre, com poucos ganhos “e elas coitadinhas, aquele pouco que vinha era bom, dava para comprar um panito”.⁵⁶ Com a falta de trabalho e os fracos rendimentos provenientes desta atividade muitas tecedeiras desistiram, outras morreram, atualmente a única tecedeira em atividade no concelho de Monchique é D. Maria Nunes.

A mãe de D. Maria fora uma tecedeira com muita experiência, que dominava as técnicas da fiação, da tecelagem e mesmo da montagem do tear, teceu para as necessidades do lar e para fora, tinha encomendas do Baixo Alentejo e chegou mesmo a tecer para uma loja. D. Maria não se considera tão boa tecedeira como a mãe fora. Fez um intervalo na época em que casou e quando a filha nasceu, os afazeres domésticos sobrepuseram-se à atividade que poucos lucros dava. Recomeçou mais tarde a convite da Câmara Municipal de Monchique com as feiras destinadas ao Turismo.

O marido, Sr. José, auxilia a D. Maria nas plantação e produção do linho, assim como em pequenos arranjos de equipamentos, e na montagem do tear em feiras. É o Sr. José que produz o linho até à sedagem e que auxilia, juntamente com a filha, a montagem da teia no tear. A filha do casal aprendeu a tecer com D. Maria, mas escolheu outra profissão, hoje ajuda-a a montar a teia no tear.

Atualmente já não plantam o linho todos os anos, plantam o linho para as necessidades e guardam os excedentes para irem trabalhando nos anos seguintes. D. Maria produz para as necessidades do lar e para vender nas feiras de Monchique e nos concelhos vizinhos. Continua trabalhar nos tempos livres porque gosta e também porque ainda faz algum dinheiro com a venda dos produtos.

O único apoio que recebe é o transporte e o *stand* nas feiras a que vai. Vende os seus produtos sem dificuldades a um público que identifica o seu trabalho

⁵⁵ Com base nas entrevistas realizadas à tecedeira D. Maria Nunes, disponíveis em anexo em Pereira, 2012 [2012]

⁵⁶ PEREIRA, Selma (2012). *A tecelagem tradicional do Algarve: A última tecedeira da Serra de Monchique* [Dissertação de mestrado], Universidade do Algarve, FCHS, Faro., p. 59.

como sendo “do tempo da minha avó”. Há uns anos atrás a Fatacil atribuía-lhe, para além do jantar, um subsídio de dez mil escudos pelos dez dias de feira, hoje o apoio resume-se às entradas dos artesãos na Fatacil e ao transporte garantido pela Câmara Municipal de Monchique.

A montagem do tear nas feiras demora cerca de 4 horas, para obter a estabilidade necessária para que D. Maria possa trabalhar. Este processo é garantido pelo marido, Sr. José, que desmonta o tear rapidamente, em menos de uma hora.

O Ciclo do Linho em Monchique

No início do Outono, logo após as primeiras chuvas, a tecedeira D. Maria e o marido semeiam o linho. O linho é plantado, a uma profundidade de cerca de 3 cm, em leiras anteriormente utilizadas também para outras plantações agrícolas. Se o Outono e o Inverno forem chuvosos não é necessário regar a plantação.

O linho é apanhado no final da Primavera, as datas variam consoante as condições climáticas, quando o Inverno é muito rigoroso, as chuvas e as geadas estragam a cultura. Quando a flor azul fica com um tom amarelo, o linho é arrancado com as mãos e deitado em cima de um pano, ao sol, para que as sementes não se percam e possam ser reaproveitadas. Ao final do dia, o linho é batido com um pau para que largue as restantes sementes. Este processo é repetido durante oito dias.

Em Agosto, o linho é enlagado, ou seja, é mergulhado numa ribeira ou num tanque, durante 12 dias, numa zona com um baixo nível de água e muita exposição ao sol, para que a “casaca” apodreça e fique só a fibra. Após o enlagamento o linho fica a secar na eira, apoiado numa estrutura de três paus, de modo a não se sujar, nem a apanhar orvalho durante a noite. Quando o linho está seco é dividido em pequenos molhos e transportado para casa.

Inicia-se o processo de transformação do linho em fibra têxtil. A primeira etapa é a maceração do linho. O linho é batido com um maço sob uma pedra lisa para esmagar a fibra. A maçagem com maço é feita pelo Sr. José, que com a mão esquerda agarra um pequeno molho de linho e esmaga-o com o maço contra a pedra, repetindo o processo até esmagar todas as palhas. De seguida passa pela grama, o Sr. José passa um molho de linho pela grama, enquanto pressiona o graminho de modo a limpar as arestas e as fibras mais curtas do linho.

A fase seguinte tem como objetivo a limpeza e a separação entre as fibras mais finas do linho e as fibras mais curtas, a estopa. Esta limpeza é feita através do sedeiro. Para assedar a D. Maria senta-se à frente do sedeiro, e com uma estriga de linho na mão, endireita-a e passa-a pelos pregos do sedeiro, com movimentos leves, preparando assim o linho para a fiação.

Para transformar o linho em fio, o linho é fiado com a roca e o fuso. A D. Maria utiliza também uma tecnologia mais em desuso para fiar fios grossos, a

fiandeira. A obtenção do fio é conseguida puxando do manelo uma mecha de fibra, distorcendo-a e torcendo-a repetidamente entre os dedos, e enrolando-a posteriormente na ponta do fuso, em movimento rotativo.

O linho fiado vai para o sarilho fazer a meada. Para embranquecer, o linho em meadas é cozido com água e cinza, volta a ser lavado, e é de novo exposto a uma preparação de água e sabão azul e branco, e volta a ser lavado. Quando seco é transformado em novelos com a dobadora e está pronto para ser montado no tear.

Os novelos vão à urdideira para serem organizados e formarem a teia. Este processo é feito com o auxílio da espadilha, para que os fios não se empecem enquanto são distribuídos na urdideira. Na montagem da teia no tear os fios são presos no compostoiro 65, e colocado no órgão da urdidura. Para a montagem da teia no tear são precisas três pessoas e D. Maria costuma montá-la com o apoio do Sr. José e da filha.

Como se tece em Monchique

A tecelagem é um processo de produção de tecidos mediante o cruzamento ordenado de dois conjuntos de fios: os fios de urdidura (longitudinais) e os fios da trama (transversais). A urdidura, também designada por teia ou urdume, é o conjunto de fios paralelos, colocados previamente no sentido do comprimento do tear, separados em dois grupos: pares e ímpares. A trama são os fios que atravessam perpendicularmente entre os dois grupos da urdidura, através da abertura da cala.

Na Serra de Monchique, o tear, ainda em atividade, funciona com dois liços, produzindo deste modo apenas tecidos de estrutura simples, tecnicamente designados por tafetás. As urdiduras de linho são hoje substituídas por urdiduras em linha de algodão industrial com tom creme, mantendo apenas o linho nos fios da trama.

Atualmente a D. Maria produz principalmente para vender em feiras locais e em eventos para os quais é convidada. Sem apoios e sem garantias de vender os seus produtos, a sua produção é pequena e apenas daqueles produtos mais comerciais. Em linho produz, principalmente, panos de cozinha e individuais, em ponto de tafetá, sem tingimento e finalizados com croché em linha de algodão industrial creme. Os motivos da renda são diversos, mas os pontos são básicos, com a exceção da renda “segredos do algarve”, produzida com o auxílio de uma cana, e executada também em linha de renda em algodão, comprada nas retosarias locais.

Produz ainda alforjes e alforghos em fibras comerciais diversas, com aplicação de feltro vermelho, bordado com os motivos tradicionais e remate com a regional bainha em ponto de espiga. Estas peças são mais caras, demoram mais

tempo a serem produzidas e requerem um maior investimento monetário por parte de D. Maria, porque tem de comprar as fibras e o feltro. Assim sendo, a tecedeira só produz uma após vender a anterior, ou por encomenda.

Não usa moldes, nem desenhos previamente definidos para os bordados e rendas aplicadas, e não guarda qualquer registo que permita executar outra peça igual. Como a tecedeira explica: “Eu até posso fazer outra e não ser igual, não me importo, pode até ser mais bonita, ou pode ser mais feio.”

A sua maior produção é de tapetes de trapos, feitos com tiras de tecidos diversos sob uma teia de algodão. Os tapetes são os produtos que mais vende nas feiras. Os trapos mais pequenos são guardados para os tapetes de trapos presos. Não são feitos no tear. Os tapetes de trapos presos têm uma base de serapilheira, onde são dispostos em carreiras horizontais e presos através de pontos manuais. A serapilheira, já com os trapos presos, é forrada com tecido de algodão, de fabrico industrial. Estes tapetes também são produzidos apenas quando se vende um, ou quando os encomendam. As suas grandes dimensões tornam o trabalho demorado e muito quente, daí D. Maria optar por só os fazer no Inverno.

Características e particularidades da tecelagem algarvia: análise dos produtos de linho tecidos na Serra de Monchique

Os produtos mais característicos produzidos por D. Maria Nunes são as tecelagens em linho e as de trapos. Atualmente vende principalmente objetos utilitários, como individuais, panos de cozinha e tapetes. Nas vendas destacam-se as tecelagens dos trapos, tapetes e passadeiras feitos de tiras de algodão sob uma urdidura de algodão. Embora sejam estes os produtos que mais vende nas feiras, nas vendas sente-se o peso da concorrência com os tapetes de trapos industriais, vendidos nas grandes superfícies comerciais, produzidos em série e a preços mais baixos, e que levam alguns consumidores a se equivocarem quanto ao tipo de produção e qualidade. As tecelagens de linho rematadas com rendas artesanais atraem apreciadores nacionais e turistas, mas a diferença de preço leva muitos a optarem pelas tecelagens de trapos.

Os típicos alforques e alforquinhos mantêm características formais com as dimensões, cores, padrões e decoração tradicionais, no entanto as fibras utilizadas nos alforques de Monchique já são de fabrico industrial, por vezes com mistura de fibras sintéticas, adquiridas em retosarias locais. Estas peças exigem um maior tempo de produção, um maior investimento e um maior conhecimento das técnicas da tecelagem, do bordado e da costura. É importante salientar que no Algarve se encontram hoje poucas pessoas a saber fazer a característica bainha com costura em espiga, típica das peças rústicas da região algarvia. Para além do seu valor decorativo, a bainha em espiga é mais duradoura, confere uma maior estabilidade e segurança ao tecido.

O preço e a falta de funcionalidade dos alforjes e alforjinhos, nos dias de hoje, fazem com que sejam peças raramente vendidas. D. Maria produz em número limitado os alforjes para exposição nos *stands* onde vende, e só volta a produzir após venda ou encomenda.

Também a técnica do tapete de trapos presos se está a perder e a se descaracterizar, na medida em que corresponde a processos mais complexos e de aprendizagem mais demorada.

Inovações inseridas nas tecelagens tradicionais algarvias contemporâneas

O algodão na urdidura dos teares tradicionais

Encontramos a utilização do algodão na urdidura dos teares tradicionais do Algarve, situação que já não se encontra na Oficina Cooperativa de Tecelagem de Mértola, que mantém o linho.

Porque razão se alteraram as tradicionais urdiduras de linho? O algodão é uma fibra mais barata, mais resistente, sem elasticidade e de fácil compra. As urdiduras de algodão livram as tecedeiras de fiarem muitos metros de linho. Além do mais o algodão resiste à tração, evitando quebras, emendas e erros no tecido final.

No século XIX, a mecanização na indústria têxtil e a utilização do algodão como fibra têxtil primordial provocou a decadência da produção do linho em fio ou tecelagens caseiras. Até ao século XVIII, a indústria têxtil portuguesa sobrevivia ainda com uma estrutura rural que visava o aproveitamento de matérias-primas locais e se destinava a abastecer o mercado nacional. A indústria não se soube adaptar ao impacto do algodão.

Vila Real de Santo António e Loulé tiveram, no início do séc. XX, fábricas de algodão. Monchique albergava a Fábrica de Fiação de Lã e Apisoamento de Panos, criada em 1870. Não temos informação relativamente ao material utilizado nas urdiduras dos teares desta fábrica, mas se compararmos com o restante panorama industrial da região, certamente seriam utilizadas urdiduras de algodão. Estas fábricas, tal como as fábricas do Alentejo, funcionavam com o sistema *putting out system*, isto é, as operações que exigiam tecnologias mais complexas eram realizadas no espaço fabril, enquanto as operações mais demoradas e menos exigentes eram entregues ao trabalho domiciliário das regiões próximas. As tecedeiras do concelho de Monchique recebiam não só encomendas para a fábrica local, mas também trabalhavam para o Baixo Alentejo. Terá sido este o maior meio de difusão das teias de algodão por entre a tecelagem doméstica local.

Desenhos e motivos ornamentais nas tecelagens de trapos

Como já referimos anteriormente, a produção de alforjes e de outras peças tradicionais não encontra um mercado assíduo, são produzidos para exposição nos

stands e vendidos raras vezes para decoração. São peças que maioritariamente perderam a sua função primordial. Por essa razão, D. Maria Nunes necessitou de inovar e criar novos produtos seguindo os mesmos métodos de produção artesanal que já a sua mãe seguira. De entre as peças mais vendidas pela tecedeira, hoje em dia constam tapetes e passadeiras em trapos, individuais, panos da loiça e bolsas em linho.

Às tradicionais riscas dos tapetes de trapos, D. Maria Nunes acrescentou outros motivos e inovou consoante o seu gosto pessoal. Atualmente ornamenta algumas das tecelagens de trapos com motivos geométricos e formas estilizadas, inspiradas nos objetos do dia-a-dia, como chávenas, cenouras, casas, em diversas escalas, e em sequência.

D. Maria Nunes remata as tecelagens de linho com uma renda artesanal em croché ou com os “segredos do Algarve”, renda típica da região algarvia, derivada das técnicas de produção das redes de pesca. Cada renda é diferente, produzida sem molde ou desenho prévio, e sem fotografia ou registo dos produtos acabados, tornando assim cada peça impossível de se voltar a reproduzir.

Comparação com outras tecelagens regionais

A tecelagem tradicional de Monchique tem muito em comum com as tecelagens de linho e de trapos da serra do Caldeirão, distinguindo-se pelas inovações desenvolvidas por cada tecedeira, que dessa forma dão um cunho pessoal ao seu trabalho. A fiação do linho de Monchique é facilmente reconhecível quando comparada com os linhos da serra do Caldeirão, pois em Monchique fia-se ainda com roca e fuso, enquanto em Cachopo e Alcoutim recorre-se à roda de fiar.

Mértola é, pela proximidade geográfica e pelos estudos existentes, a tecelagem que permite uma comparação mais fiável. Ao contrário da tecedeira de Monchique, a Oficina Cooperativa de Mértola não utiliza o algodão na urdidura, preferindo-se os tradicionais linho e lã. A tecelagem de Mértola foi alvo de vários estudos, de salientar as investigações de Cláudio Torres e Carlos Pedro, onde se definiu a identidade e as características destas tecelagens, a fim de as certificar e preservar. Estas investigações permitiram, para além da criação da Oficina Cooperativa de Tecelagem de Mértola e da criação de cursos profissionais de tecelagem, fornecer uma garantia aos consumidores que estão a adquirir um produto artesanal, produzido segundo as tradições seculares locais, possibilitando assim o comércio das peças a um preço justo, mais elevado que as de Monchique, mas que permite a subsistência desta atividade.

Se compararmos as tecelagens de Monchique com as tradicionais tecelagens de Espanha encontramos semelhanças nas decorações e remates, com os alforjes de Santa cruz de Tenerife, Badajoz e Cáceres, embora estes últimos sejam mais decorados com motivos florais.

Relativamente às mantas de trapos encontram-se semelhanças com as de Ávila e Guadalajara. Muitos alforjes tradicionais de Espanha são também produzidos com trapos, no entanto com recurso a cores mais fortes, garridas e contrastantes, de acordo com os gostos locais. É também de salientar as semelhanças formais entre os teares tradicionais do Algarve e os teares tradicionais de Gomera e Zamora.

Considerações finais

A produção têxtil tradicional tem conseguido sobreviver no sul português pela teimosia e persistência de algumas tecedeiras. Atualmente têm surgido iniciativas e projetos académicos, municipais e regionais, de louvar, a divulgar o património têxtil regional. Contudo, é necessário educar um público para que valorize, reconheça e esteja disposto a pagar o valor real dos produtos artesanais, sem menosprezar a sua mão-de-obra.

As atividades envolvidas no ciclo do linho e da lã estão a desaparecer, e porquê? Os trabalhadores rurais envelheceram, outros procuraram atividades que lhes permitissem vidas mais desafogadas. Os jovens desligaram-se dos mundos rurais, abandonaram os campos, estudaram e não aplicam estas técnicas tradicionais.

A tecelagem tradicional funcionou, nesta região, como complemento à atividade agro-pastoril, não ocupando os artesãos a tempo inteiro, e dessa forma esta atividade enquadrava-se no complexo sistema da economia rural.

Não é só a produção têxtil que está a desaparecer mas, de uma forma mais generalizada, os saberes tradicionais da cultura popular estão a acabar. Veja-se o caso dos ferreiros, pescadores, pastores, entre muitos outros. E, neste contexto, não podemos esquecer a relação do ciclo do linho e da lã com as outras atividades rurais.

Não existe tecelagem tradicional sem os produtores das fibras têxteis, quer se trate do linho, da lã ou da seda. No caso da tecelagem em linho, para além da tecedeira é necessário existir quem semeie, colha, branqueie, mace, selecione, fie, urda e ajude na colocação no tear. Tradicionalmente, o artesão é capaz de desenvolver quase todo, ou mesmo todo, o ciclo do linho dentro da unidade familiar.

No entanto, também não é possível existir este processo se não houver quem fabrique e conserte os instrumentos, estando a tecelagem dependente da existência de carpinteiros e ferreiros. Os instrumentos e tecnologias têm características próprias e necessitam de ser fabricados em materiais específicos. Por exemplo, no caso do ciclo do linho em Monchique, grande parte dos instrumentos são fabricados com a madeira resistente do castanheiro, logo é necessário existirem castanheiros, área disponível para o cultivo, quem os plante, cuide e corte.

A “morte” dos sistemas produtivos artesanais nos moldes tradicionais é previsível, caso não sejam implementadas mais-valias de carácter cultural e turístico. Tomemos como exemplo a Oficina de Tecelagem de Mértola, que mantém as tradições, tanto na tecelagem com padrões centenários, como no processo artesanal do ciclo da lã.

Na história da economia e da sociedade portuguesa, o Algarve nunca teve um lugar de destaque. Contando com uma situação geográfica favorável, o Algarve apostou, durante séculos, no comércio marítimo, e mais tarde no desenvolvimento turístico junto à costa. Apesar disso, a Serra Algarvia lutava para manter a sua autossustentação, numa região pobre em matérias-primas. Em pequenos núcleos dispersos, os “serrenhos” mantiveram os seus ciclos rurais ao longo dos tempos.

Já na época moderna, os estudos revelavam problemas no cultivo do linho na Serra Algarvia. A fibra era mal preparada, áspera e grosseira. Alguns autores culpavam a má fição que se fazia na região, contudo hoje sabemos que as fibras provenientes das variantes do linho mourisco nunca se adaptaram à fição mecânica, por serem mais quebradiças, escuras e irregulares.

Os panos produzidos na região destinavam-se aos pobres. Os ricos importavam panos mais caros, mas de melhor qualidade. A indústria têxtil não foi fomentada devidamente na região, pois faltaram investidores interessados. A produção de fibras têxteis continuou nos moldes tradicionais, destinando-se a roupas para a casa, vestuário, redes de pesca e panos para as atividades agropecuárias.

Também a aprendizagem se manteve dentro do seio familiar, seguindo os moldes tradicionais. Nos últimos anos surgiram alguns cursos de formação na área do artesanato têxtil, mas poucos alunos continuam a atividade. A maioria deles preteriu a atividade de tecelagem tradicional em comparação com atividades relacionadas com a hotelaria e o turismo.

Contudo, devemos estar cientes que os conhecimentos das atividades que integram a produção têxtil tradicional fazem parte da história e do património imaterial português, e como tal é fundamental que não caiam em esquecimento.

Bibliografia

- ALFARO GINER, Carmen (1997). *El tejido en época romana*, Madrid: Arco/libros S. L.
- BRAHIC, Marylène, *A Tecelagem*, (1998). Tradução Iolanda Saló. Lisboa: Editorial Estampa.
- CASTRO, Armando (1985A). "Lanifícios", in SERRÃO, Joel (coord.), *Dicionário da História de Portugal*, vol. 3. Porto: Livraria Figueirinhas.
- GASCON, José António Guerreiro (1955: 1ª edição). *Subsídios para a monografia de Monchique*, 2ª Edição (facsimilada) 1993. Faro: Algarve em foco editora.
- GONZÁLEZ-HONTORIA, Guadalupe, TIEMBLO, Mª Pia Timon (1983). *Telares Manuales en España*, Artes del Tiempo y del Espacio. Madrid: Editora Nacional.
- IPM- Instituto Português de Museus (2007). *Normas de Inventário. Tecnologia Têxtil. Etnologia*. 1ª Edição. Lisboa.
- LOPES, João Baptista Silva (1841: Edição Original). *Corografia ou memória económica, estatística e topográfica do reino do Algarve*, 2 volumes, II, Coleção temas e estudos algarvios, (versão facsimilada: 1988). Faro: Algarve em foco editora.
- LUZIA, Ângela, MAGALHÃES, Isabel, TORRES, Cláudio (1984). *Mantas tradicionais do Baixo Alentejo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, Câmara Municipal de Mértola.
- MACEDO, Jorge Borges de (1985). "Indústria – na Época Moderna", in SERRÃO, Joel (coord.), *Dicionário da História de Portugal*, vol.3. Porto: Livraria Figueirinhas.
- MADUREIRA, Nuno Luís (coord.) (2001). *História do trabalho e das ocupações*, Vol. I A indústria têxtil (3 vol.). Oeiras: Celta Editora.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero (1988). *O Algarve económico 1600-1773*. Lisboa: Editorial Estampa.
- MARREIROS, Glória Maria (1999). *Um Algarve Outro. Contado de boca em boca.*, (1ª edição: 1991), 2ª edição. Lisboa: Livros Horizonte.
- MATOS, Fernanda (1988). *Indústrias Tradicionais do Concelho de Loulé. Tecelagem*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.
- MATOS, Fernanda (1988). *Indústrias Tradicionais do Concelho de Loulé. Tecelagem*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.
- ME (1943)- Ministério da Economia (Direcção Geral dos Serviços Agrícolas). *O linho em Portugal: subsídios para o fomento da sua cultura*. Lisboa: Serviço editorial da repartição de estudos, informação e propaganda.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de Oliveira; PEREIRA, Benjamim, GALHANO, Fernando (1978: 1ª Edição). *Tecnologia Tradicional Portuguesa. O Linho*, vol. 1, 2ª Edição:1991, Coleção Etnologia. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia.
- PEDRO, Carlos (s.d). *Tecelagem Tradicional de Mértola: a lã*, [texto policopiado]. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- PEREIRA, Benjamim (1985). *Têxteis. Tecnologia e simbolismo*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia.

PEREIRA, Selma (2012). *A tecelagem tradicional do Algarve: A última tecedeira da Serra de Monchique*. [Dissertação de mestrado], Universidade do Algarve, FCHS, Faro.

SÁ, João Evangelista Franco da Ascensão e (1863). *Memória sobre a Indústria do linho e algodão no distrito administrativo de Beja em 1863*, Bibliotheca das Fábricas. Lisboa: Associação Promotora da Indústria Fabril, Imprensa Nacional. [Versão Eletrónica]

TENGARRINHA, José (1999). "Os trabalhadores industriais do Algarve nos séc. XIX-XX", in MARQUES, Maria da Graça Maia, *O Algarve. Da antiguidade aos nossos dias*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 465-468.

TENREIRO, Francisco (1999). "Algodão", *Dicionário da História de Portugal*, vol. 1. Porto: Livraria Figueirinhas.

TORRES, Cláudio (1992). "Povoamento antigo do Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica", *Arqueologia medieval* [em linha], 1, Campo Arqueológico de Mértola. Porto: Edições Afrontamento.

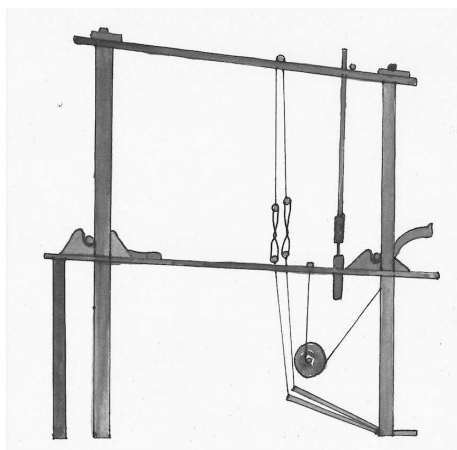


Figura 1- Esquema do tear da tecedeira ainda ativa, concelho de Monchique (2012)



Figura 2 – D. Maria Nunes, Monchique (2012)

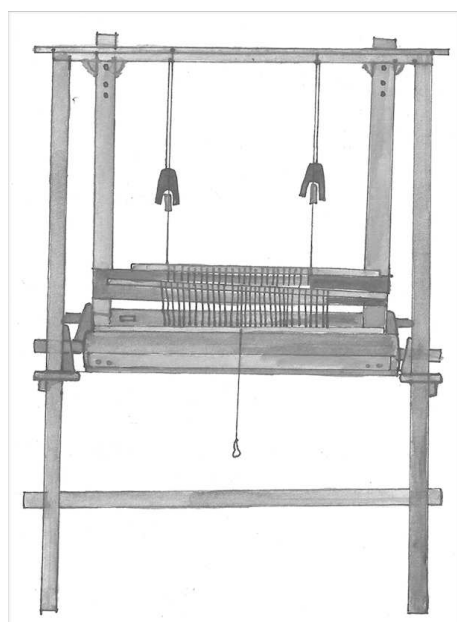


Figura 3 – Esquema do tear tradicional do Algarve, vista de frente

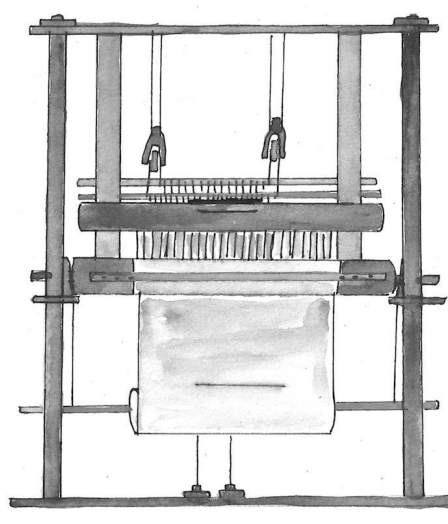


Figura 4 - Esquema do tear tradicional do Algarve, vista de trás



Figura 5 – Fiandeira de D. Maria Nunes (2012)



Figura 6 – Fuso e roca, Monchique (2012)



Figura 7 – Maço de madeira de D. Maria Nunes, Monchique



Figura 8 – Rocas produzidas pelo Sr. José, Monchique



Figura 9 – Sariho, Monchique



Figura 10 – Alforghinho, mistura de fibras, Monchique (s.d.)



Figura 11 – Paninhos de trapos, D. Maria Nunes, Monchique (2012)



Figura 12 – Vista lateral do tear de D. Maria Nunes, Monchique (2012)



Figura 13 - Vista traseira do tear de D. Maria Nunes, Monchique (2012)

